



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873.docênciafeminina>

A DOCÊNCIA FEMININA: CAMINHOS, FORMAÇÕES, TRABALHO E RECONHECIMENTO PROFISSIONAL

FEMALE TEACHING: PATHS, TRAINING, WORK AND PROFESSIONAL RECOGNITION

LA DOCENCIA FEMENINA: TRAYECTORIAS, FORMACIÓN, TRABAJO Y RECONOCIMIENTO PROFESIONAL

José Francisco Rocha Simão¹
Mônica Strege Médici²

RESUMO: A referida pesquisa discorre sobre trajetória da docência feminina na educação básica. O texto tem objetivo de descrever e refletir o gênero feminino e masculino acerca da profissão, dado que se acentua a mulher com maior presença no magistério. Trata-se de uma pesquisa com análise de conteúdo, qualitativa, quantitativa e revisão de literatura. A pesquisa realizada com 24 professoras, via questionário, desvela que a formação das docentes precisa ser mais valorizada pelo sistema de ensino em que estão inseridas. O diálogo aferido com estas participantes retrata a presença feminina no contexto educacional, suas trajetórias na educação e a busca constante pelo reconhecimento profissional e remuneração conforme seus estudos.

PALAVRAS-CHAVE: Formação. Mulheres. Professoras.

ABSTRACT: This research discusses the trajectory of female teaching in basic education. The text aims to describe and reflect the female and male gender about the profession, given that women are more present in the teaching profession. This is a research with content analysis, qualitative,

¹ SEMED/PALMAS

² SEDUC/MT



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

quantitative and literature review. The research carried out with 24 teachers via questionnaire, reveals that the training of teachers needs to be more valued by the education system in which they are inserted. The dialogue measured with these participants portrays the female presence in the educational context, their trajectories in education and the constant search for professional recognition and remuneration according to their studies.

KEYWORDS: Training. Women. Teachers.

RESUMEN: Esta investigación discute la trayectoria de la docencia femenina en la educación básica. El texto tiene como objetivo describir y reflejar el género femenino y masculino sobre la profesión, dado que las mujeres están más presentes en la profesión docente. Se trata de una investigación con análisis de contenido, cualitativo, cuantitativo y revisión de la literatura. La investigación realizada con 24 docentes, vía cuestionario, revela que la formación de las docentes necesita ser más valorada por el sistema educativo en el que están insertos. El diálogo comprobado con estas participantes retrata la presencia femenina en el contexto educativo, sus trayectorias en la educación y la búsqueda constante de reconocimiento profesional y remuneración acuerdo a sus estudios.

PALABRAS CLAVE: Capacitación. Mujer. Maestros.

INTRODUÇÃO

Um dos pensamentos mais influentes que propõem uma reflexão acerca do conceito de gênero e seu sentido vem de Simone de Beauvoir. Por meio de sua obra “Segundo Sexo”, escrita em 1949, a autora afirma que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher.” Ela não nega a existência da diferença entre homens e mulheres, mas questiona a sexualidade como destino, ou seja, as expectativas sociais em relação à mulher.

Certo de que as diferenças culturais precedem a essência ontológica, não é possível falar de relações humanas sem falar da natureza humana. Homens e mulheres existem com suas diferenças biológicas e isso é indiscutível, ressalta Beauvoir (2009). No entanto, é necessário desnaturalizar



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

as características biológicas como destino.

As diferenças entre homens e mulheres, seja pelo sua questão biológica, sexo e responsabilidades, têm na história características marcantes de submissão do masculino sobre o feminino. No entanto, no contexto educacional nas primeiras fases, nas quais os educandos adentram nos sistemas de ensino, observamos a presença marcante da personagem mulher nesse cenário, e isto traz a questão da importância do seu grau de responsabilidade para com a sociedade, o que merece destaque, valorização profissional e reconhecimento de modo contributivo para com a sociedade.

O presente estudo é resultado de uma pesquisa realizada com 24 professoras atuantes na educação básica. O diálogo aferido com estas docentes retrata seus caminhos na educação e como elas observam sua trajetória e a busca constante da valorização do seu trabalho e da sua formação.

A educação é um processo contínuo e tem papel fundamental na vida de um indivíduo, é por meio dela que as pessoas podem olhar o mundo, o meio, as ações e as questões sociais que influenciam o viver das pessoas nos diversos ambientes. A intencionalidade nesta pesquisa consiste em: descrever o caminho para com a formação, valorização e o trabalho profissional de professoras. Este objetivo discorre acerca das contribuições das 24 professoras participantes na pesquisa em questão. O caminho metodológico para este estudo compõe-se de revisão de literatura, análise de conteúdos com observações qualitativas e quantitativas.

No espaço educação, a mulher ocupa a maior parte nas séries iniciais do ensino básico. Tal representatividade coincide com a força do protagonismo feminino neste ambiente, o que configura preparar as novas gerações para um futuro com menos preconceitos e indiferenças entre homens e mulheres, possibilitando uma formação cidadã social e com menos desigualdade não



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

somente social, mas também desigualdade entre masculino e feminino.

METODOLOGIA

Metodologicamente esta pesquisa compõe-se de três etapas de modo que, a primeira parte consistiu numa análise textual que discorre sobre a questão mulher. No segundo momento, aplicamos um questionário com questões norteadoras sobre o tema do estudo às professoras participantes da pesquisa. A terceira etapa correlaciona-se com análise textual teórica, dados coletados e organização redacional.

O estudo foi realizado de 20 de março de 2022 a 20 de abril de 2022 com 24 mulheres professoras oriundas de diferentes localidades do país. Destas, oito são de Distrito Federal, cinco de Goiás, sete de Mato Grosso, quatro de Tocantins.

Os dados foram levantados por meio de três questões, sendo estas: nível de formação, valorização profissional remuneratória e condições de trabalho. Tais questões norteadoras foram aplicadas às professoras por meio de Google Forms. De modo inerente, o questionário subdivide-se em questões objetivas e subjetivas, os dados coletados foram configurados em tabelas e linguagem discursivas. Dentre as 24 respostas discursivas, optamos por descrever quatro contribuições nesta pesquisa, na qual mantivemos reservadas informações de cunho pessoal destas docentes, assim também, como das demais. Para tanto, as professoras são identificadas com códigos de Professora 1, Professora 2, Professora 3 e Professora 4.

Considerando a relação discursiva advinda das docentes, discorrem as informações da pesquisa como parte qualitativa, nesse sentido conforme Zanella,

A pesquisa qualitativa é descritiva, pois se preocupa em descrever os fenômenos por meio dos significados que o ambiente manifesta. Assim, os resultados são expressos na forma de transcrição de



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

entrevistas, em narrativas, declarações, fotografias, desenhos, documentos, diários pessoais, dentre outras formas de coleta de dados e informações. (ZANELLA, 2013, p. 100).

Diante do exposto, caracterizamos o discurso subjetivo das professoras no sentido qualitativo, quanto à relação analisada de suas respostas com base nas três questões tratadas com a temática, ou seja, Nível de formação, Valorização profissional remuneratória e Condições de trabalho.

Consoante a análise de conteúdo nas palavras de Severino,

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análises das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações (SEVERINO, 2007, p. 121).

Ao olhar para com as técnicas de pesquisas, procede à observação da pesquisa pretendida, para tanto devemos ter o cuidado quanto ao processo metodológico que possa contemplar o estudo almejado. Acerca da pesquisa bibliográfica, segundo Severino (2007, p. 122), “[...] é aquela que se realiza a partir do registro impresso disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, revistas, teses etc”. Nas palavras de Lira (2014, p. 25), quando se trata de pesquisa bibliográfica se considera “[...] aquela que se realiza, apenas por meio de livros, jornais, revistas, folhetos, informativos, sites. Toda pesquisa tem uma relação de cunho bibliográfico, mas este tipo não busca informações no campo”. Percebe-se, informações importantes nas definições supracitadas pelos autores. Para tanto, devemos adequar os procedimentos consoante à objetividade da intencionalidade pesquisada.

Outro aspecto a ser observado nas devidas questões disponibilizadas para as professoras consistiu com o mesmo questionário, mais de modo objetivo, assemelhando-se ao método quantitativo. De acordo Zanella (2013, p. 95), “o quantitativo utiliza métodos oriundos das ciências físicas, da matemática



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

e da estatística” e “preocupa-se com representatividade numérica, isto é, com a medição objetiva e a quantificação dos resultados [...]”. (ZANELLA, 2013, p. 95).

Diante das informações, o método quantitativo mensura significados apontados nas tabelas e, de forma resumida, trazem resultados com números percentuais consoantes aos dados obtidos com as respostas das 24 professoras. Todavia, muitas pesquisas ocorrem por meio de recursos tecnológicos e plataformas digitais, o que reforça a dinâmica de ampliar as condições de recursos para o desenvolvimento de informações e resultados.

APONTAMENTOS TEÓRICOS

As ciências sociais adotam o termo gênero em uma perspectiva analítica, eivado de sentidos, sendo ele “[...] um elemento constitutivo das relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e como uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 21). Logo, o uso do termo constitui-se em um elemento de linguagem utilizado para desconstruir a naturalização da desigualdade entre o sexo masculino e feminino.

O uso do termo gênero foi adotado pelo movimento feminista como uma categoria analítica e, por meio do emprego dele, é possível problematizar as relações entre os sexos. Nos estudos voltados às mulheres, é fundamental analisar o caráter social baseado na diferenciação orientada pelo sexo. Assim, gênero indica uma rejeição ao determinismo biológico, intrinsecamente ligado ao masculino ou feminino.

Notamos que, no campo do trabalho, o domínio masculino é representado por meio da divisão sexual do trabalho, termo cunhado pela sociologia para indicar a diferença entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Marcadas pela desigualdade, as diferenças são sistêmicas, pois a



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

sociedade hierarquizada as relações de trabalho pautadas no sistema de gênero que estabelece as relações sociais de sexo.

Moreira, Guimarães e Quirino (2020) apontam que as relações sociais de sexo iluminam a divisão social do trabalho que, na verdade, constitui-se na divisão sexual do trabalho. Sendo assim, “a divisão sexual do trabalho é uma importante categoria para compreensão do processo de constituição das práticas sociais permeadas pelas construções dos gêneros a partir de uma base material” (QUIRINO, 2015, p. 233), corroborando com a desigualdade de gênero, mantendo a mulher em uma situação de sujeição em relação ao homem.

Almeida (1998) afirma que historicamente a sociedade definiu o papel dos homens e das mulheres, e elas foram se adequando ao magistério, porém o modelo da carreira profissional docente foi pensado no sentido de manter os privilégios masculinos com a determinada servidão feminina no lar. “O modelo sustentado por uma mão invisível: o modelo capitalista e patriarcal que organiza a nossa sociedade desconsidera a importância do trabalho doméstico e de cuidados para a garantia de seu funcionamento.” (SUCUPIRA e DE FREITAS, 2014, p.109). Isso reforça o sentido patriarcal em que era garantida a vida pública aos homens, uma vez que eles não podiam abrir mão do apoio das mulheres a fim de organizar suas vidas na esfera doméstica.

Para o estado, a organização espacial, horários, estrutura hierárquica, leva a essas instituições a prescrição de comportamentos humanos estabelecidos e homogêneos, assim embalado na ideia de ordem vem o controle, o engessamento, a estereotipação que determina papéis para os diferentes atores sociais, a sujeição feminina aos domínios do patriarcado teve o apoio fundamental da igreja como aponta Almeida (2012).



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

A MULHER NA EDUCAÇÃO: ESCOLHA OU ACASO?

Scott (1995) preconiza que a partir da substituição do termo “mulheres” por gênero é possível fazer uma análise voltada à compreensão de relações históricas, fenômenos, fatos históricos, relações sociais, relações de poder e política.

O emprego do conceito de gênero, muitas vezes, é interpretado de forma equivocada. “O conceito de *gênero* não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida” (SAFFIOTI, 2013, p. 4 7). Assim, ele reverbera no senso comum com diferentes interpretações.

Butler (2018) afirma que, culturalmente, dá-se às características sexuais uma sobrecarga atribuindo a elas o papel de balizamento do comportamento humano. A autora menciona a existência de atos performativos voltados à constituição de gênero. Assim,

O gênero não é de modo algum uma identidade estável, nem *locus* de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. (BUTLER, 2018, p. 3).

Logo, os padrões normativos são construções sociais que, ao longo do tempo, estabelecem contorno sobre o que é gênero dos padrões normativos da heteronormatividade binária.

A autora apresenta uma filosofia não especulativa que busca a essência do gênero, pois ela entende que encontrar a essência do gênero nos levaria a embocar a uma nova normatização. Desse modo, para Butler, gênero é uma performance, uma construção social. Entretanto, Scott (1995), vai além, apresentando seu ponto de vista acerca de sua percepção sobre a interferência do gênero nas relações humanas, volta-se para os fatos históricos que,



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

seguramente, teve a participação feminina apagada intencionalmente, numa denotação clara de que o gênero atravessa todas as relações de poder. Logo, interfere nas relações políticas de forma direta ou indireta.

Ao trazer essa ideia a fim de analisar determinados eventos históricos por meio da lente do gênero, vemos que há uma exacerbação do heroísmo masculino em detrimento das supostas fragilidades femininas. Desse modo, construímos uma ideia equivocada em relação aos indivíduos que nascem com o sexo feminino. Baseado na anatomia física, traçamos o seu papel na sociedade estabelecendo um determinado script. Da mesma forma, Butler (2018), afirma que:

Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença (BUTLER, 2018, p. 3).

Assim, a autora destaca que esse debate trava uma disputa no campo dos estudos feministas em que a ideia do determinismo biológico é refutada, a exemplo do que nos diz Beauvoir (2009) sobre as expectativas sociais voltadas ao sentido de ser mulher. No intuito de oferecer subsídios para discutir as tão complexas ideias, a questão de gênero no campo discursivo e suas implicações nas relações sociais que se materializam na invisibilidade de um sexo em detrimento do outro, Bourdieu (2012) aponta que essa é uma estratégia de dominação e exploração socialmente construída que estabelece critérios de classificação.

Em face a esta discussão sobre a divisão dos papéis entre gêneros, Bourdieu (2012) denomina o local em que ocorre a construção social, como “*habitus*”, local em que se inserem as funções sociais do homem e da mulher. Também é onde se calam os questionamentos, pois o *habitus* é um paradigma intransponível sob a óptica social, na qual o comportamento social é



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

reproduzido entre as gerações.

Vale ressaltar que essa divisão de papéis sociais de gênero está arraigada no ideário social por meio de diferentes concepções e dentre elas, a religiosa, que estabelece uma redoma em torno do casamento como instituição da maternidade com destino obrigatório. Simone de Beauvoir (2009) destaca a forma sutil e romantizada como essas formas de opressão feminina atribuem à mulher a obrigação de pertencer a alguém, de ser mãe; logo, de cuidar.

A autora ainda chama à atenção para o olhar mítico em torno da imagem de Maria, a virgem, fato que encerra a sexualidade feminina, a (des)sexualização da mulher em função da maternidade de forma instintiva, elevando-a a um estatuto de perfeição inatingível. “A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora que é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo [...]” (BEAVOUIR, 2009, p.343). Assim, usando como exemplo a figura santa de Maria, a autora desnuda a realidade e aponta algumas verdades acerca das imagens construídas em torno da mulher ao longo do tempo como o símbolo de beleza, de pureza, de perfeição, do bem, da virtude, do amor maternal, da “natureza” acolhedora.

Desse modo, as construções sociais são estrategicamente mantidas para justificar a dominação e transformar a mulher em algo diferente do humano, mantendo-a na condição de “outro”, a fim de convencê-la de que esse é seu destino. Assim, ela é facilmente aprisionada na posição de passividade sem apresentar resistência àquele que a oprime. “Corpo desejado, o corpo das mulheres é também, no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade” (PERROT, 2007, p.76). Em suas palavras, Perrot afirma que o corpo da mulher é objetificado e destinado a atender as expectativas masculinas.

Corroborando com esse pensamento, Biroli (2016) aponta que a



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

performance destinada às mulheres perpassa por diferentes percursos, chega na objetificação sexual que é o processo primário de sujeição das mulheres.

Dessa forma, vemos que foram abertas as portas do magistério às mulheres, desde então as mãos femininas passaram fazer educação, houve uma entrada massiva de mulheres na escola, “em meados no século XIX foram fundadas as primeiras instituições destinadas a preparar os professores para as práticas docentes.” (BRUSCHINI e AMADO, 1988, p.5). Fato que contribuiu para que as mulheres fossem se profissionalizando, por meio das Escolas Normais, que inovavam por atender homens e mulheres, porém em pouco tempo a presença da mulher predominou.

Notamos que a inserção feminina na educação brasileira não foi algo aceito por unanimidade, ao contrário, foi um processo marcado por conflitos, de acordo com Prá e Cegatti (2016), uma vez que sustentada pelo domínio patriarcal, a educação feminina poderia se materializar como uma afronta aos homens. “O cenário desenhado na primeira metade do século XIX, sob o impacto das primeiras leis de Instrução Pública, demarcou a expansão da educação feminina em quase todos os países do mundo” (PRÁ; CEGATTI, 2016, p. 220). Motivo pelo qual o percurso para a incorporação das mulheres à rede educativa e aos diferentes níveis de ensino foi lento e cercado por desafios. Para seguir esse percurso, as mulheres tiveram que confrontar o viés masculino e de classe do sistema educacional.

Mesmo em um cenário hostil, Prá e Cegatti (2016) apontam que as mulheres avançaram as barreiras impostas e, aos poucos, foram expandindo seu território por meio da educação. Mesmo diante dos percalços, a trajetória feminina na educação aos poucos foi se consolidando em torno de um novo desenho social.

Com a pressão social em virtude das novas demandas do mercado de trabalho, importante observar, embora seja uma conquista pautada na luta, as



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

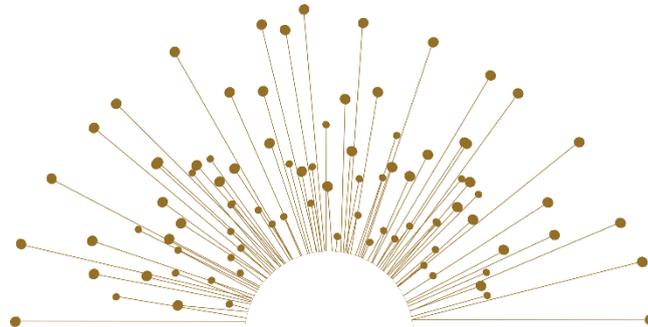
ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

reivindicações foram atendidas devido demanda mercadológica, a qual o governo sempre foi subserviente. “Os modelos de produção fordista e taylorista, que preponderaram durante os séculos XIX e XX, buscavam a otimização da produção a partir da determinação de um jeito específico de trabalhar, considerado o mais produtivo.” (SUCUPIRA e FREITAS, 2014, p.107). Na ausência das mulheres na tomada de decisões e construção de políticas públicas, as carreiras profissionais são estruturadas sob a égide da visão patriarcal.

Nesse contexto, a mulher foi sendo agregada gradativamente aos debates sociais e ao mercado de trabalho, sem poder de decisão e subordinada ao domínio masculino. Ainda assim, a escola ampliou o número de vagas e às mulheres foi permitida a educação formal, para tanto, podemos constatar que as mudanças que porventura ocorreram no sistema educacional foram resultantes de concessões, ou seja, do atendimento as reivindicações, portanto, resultado das lutas que se materializaram em conquistas femininas. (ALMEIDA,1998). Logo, aquilo que foi tido como uma conquista do movimento feminista, revela uma face nada otimista, ao observar a presença feminina no magistério por outro ângulo, constatamos que, na verdade, foi uma ilação sob o pretexto da ampliação de direitos, escondia o fato que aos homens não era mais interessante permanecer nessa função.

As palavras de Viana (2002) apontam que a desvalorização docente se constitui em preconceito de gênero, uma vez que, ao longo da escola, vemos a deterioração da carreira anos após ano, isso é perceptível se a observarmos ao longo da história da educação. Considerando que a carreira do magistério inaugura o ingresso de brancas, da classe média no mercado de trabalho. O magistério deve ser observado na perspectiva de classe e gênero, uma vez que “o rebaixamento dos salários é uma das características da docência desde o início do século XX, naquele momento mais associado ao curso primário”



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

(VIANA, 2002, p.167). Desse modo, vemos que são cada vez mais precárias as condições de trabalho, essa é mais uma faceta da feminização da docência, aliada à estratificação sexual da carreira docente.

O desmerecimento apontado pela autora é velado, embalado por uma perspectiva androcêntrica, que faz a sociedade enxergar que o magistério fora destinado à mulher, pensamento ancorado na presença feminina estereotipada, como aponta Yanoullas (2011).

Em pouco tempo, o pensamento que as mulheres eram as verdadeiras educadoras estava enraizado na sociedade, a presença das mulheres no contexto educacional estava consolidada. Louro (1997, p. 96-97):

Em seu processo de feminização, o magistério precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado, etc. para que possa ser reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente.

A profissionalização feminina foi impulsionada por mudanças no cenário econômico, que visava ao progresso e à modernização com vistas a atender os apelos do capitalismo que atingiram o Brasil já nos últimos decênios do século XIX.

Para atender as perspectivas do capitalismo, fortaleceu-se o discurso que a educação precisava acompanhar o ritmo de modernização, pois era vista como instrumento para o progresso do país, assim foi crescente a ampliação de vagas no magistério.

O aparecimento do capitalismo se dá, pois, em condições extremamente adversas à mulher. No processo de individualização inaugurado pelo modo de produção capitalista, ela contaria com uma desvantagem social de dupla dimensão: no nível superestrutural, era tradicional uma subvalorização das capacidades femininas traduzidas em termos de mitos justificadores da supremacia masculina e, portanto, da ordem social que a gerara; no plano estrutural, à medida que se desenvolviam as forças produtivas, a mulher vinha sendo progressivamente marginalizada das funções produtivas, ou seja, periféricamente situada no sistema de produção (SAFFIOTI, 2013, p.).



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Em suas palavras, a autora afirma que o capitalismo estabelece critérios que não valorizam as mulheres, essas são relegadas a funções reprodutivas, aquelas menos valorizadas economicamente. A isso se deve a permissão da entrada da mulher com facilidade em determinadas funções, ao passo que as portas se fechavam para outras.

As portas das escolas de educação básica abriram-se facilmente para as mulheres, o que resultou na feminização do magistério no ensino fundamental. Diante disso, é necessário fazer uma reflexão considerando os percursos sexuais associados historicamente às profissões e dentre estas, perceber como a docência é o espaço que, primeiramente, abriu as portas para a mulher, também como espaço de consolidação da presença feminina massiva.

Nesse sentido,

Recuperar a trajetória das mulheres no magistério se configura, num momento em que a profissão é absolutamente feminina, em tirar da obscuridade as professoras que se encarregam no país, há mais de um século, da educação fundamental, apesar das notórias dificuldades enfrentadas por elas, como mulheres e como profissionais. (ALMEIDA, 1998, p.26).

Como aponta Almeida, perfazer o percurso feminino no magistério, por meio de resgate histórico, nos permite lançar luzes sobre alguns pontos que precisam ser revelados como a divisão social do trabalho que, na verdade, constitui-se aqui em uma divisão sexual, uma vez que, como afirma Fôlha (2019), o magistério brasileiro é feminino. Entretanto, Viana (2002) aponta que nem sempre foi assim, a feminização do magistério aconteceu de forma gradativa até se consolidar, a sua consolidação está fortemente atrelada às questões de gênero que historicamente atravessam a vida das mulheres.

Ao longo do século XX, a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

(VIANNA, 2002, p.83).

Ao observar a constituição atual do quadro docente, podemos afirmar que o magistério brasileiro que atua na educação básica é construído majoritariamente por mãos femininas, como aponta Vianna (2002).

Para Biroli (2015), a divisão sexual do trabalho está diretamente atrelada a visão que se tem do mundo. Nesse sentido, cabia abrir espaço à mulher no magistério porque “cuidar” é papel preponderantemente feminino.

A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma ‘inocente’ armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (FREIRE, 2015, p. 18).

Comumente se ouve na escola a frase “Tia, me ajuda?” Essa simples frase proferida por uma criança no ambiente escolar nos parece normal à primeira vista, mas ela é carregada de sentido, nos revela traços machistas da sociedade em uma instituição que escancara diariamente aos estudantes a desvalorização social do cuidado e da mulher profissional.

Na atual formatação do quadro da educação e do magistério, vemos que as mulheres chegaram ao final do século XIX conquistando o direito ao ensino superior. Prá e Cegatti (2016) apontam que a consolidação do direito à formação em nível de graduação foi a porta de entrada para a mulher em algumas áreas.

Em alguns casos, não é demais afirmar que a educação infantil é vista e percebida pela sociedade como um albergue de crianças e que o corpo docente é uma espécie de ama de leite, papel feminino utilizado no período escravocrata e colonial.

No Brasil, a carreira docente foi cunhada sob a perspectiva patriarcal, em que a discrepância entre homens e mulheres é “elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos [e como] um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT,



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

1995, p.14). No entanto, ao aceitar a divisão sexual do trabalho baseado em teorias deterministas, fortalece-se a relação de dominador e dominado, no caso as mulheres sendo sujeitas à dominação.

Assim, ao adotar essa perspectiva, vamos caindo em armadilhas ideológicas nas diversas áreas, sobretudo na educação, como nos alertou Paulo Freire em sua obra “Professora sim, tia não!” escrita em 1997. Freire (2015) destaca que a tarefa do “ensinante” requer seriedade, formação profissional, preparo físico e emocional, compromisso, para tanto a mulher professora é professora, não é pertencente à família do estudante. A palavra “tia” nos remete a uma relação paternalista voltada à exaltação das características maternas e fortalece a figura estereotipada da professora.

A professora pode ter sobrinhos e, por isso, é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a professora em tia de seus alunos da mesma forma como uma tia qualquer não se converte em professora de seus sobrinhos só por ser tia deles. (FREIRE, 2015, p. 9).

Como afirma Freire, ensinar é uma empreitada que requer muito mais que amor e afeto, ela exige profissionalismo. Há uma gama de subjetividades implícita na forma de se referir à professora dessa fase de ensino, a ideia de que o cuidado é uma incumbência feminina, criada e sustentada pelo estereotipo de gênero.

Lima (2008) afirma que é preciso rejeitar a identificação da professora com a “tia” implica tanto em desconstruir a relação do magistério e “ser feminino”, como, principalmente, assumir uma posição política ante a desvalorização da profissão e da desigualdade entre os gêneros nas relações de poder que se dão dentro e fora da escola.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

RESULTADOS

Os resultados expressam informações e estão apresentados em três tabelas com informações percentuais, estas descrevem as três questões indagadas às professoras que participaram da pesquisa, sendo as questões norteadoras: nível de formação, valorização e reconhecimento profissional e ainda, condições de trabalhos. Observa-se que algumas informações se atrelam ao plano de cargo e carreira de muitos docentes.

No sentido de maior clareza, expomos quatro respostas de modo discursivo relacionadas a duas questões, nas quais algumas se referem além de respostas objetivas, também trazem respostas subjetivas discursivas, de modo referente às indagações de: nível de formação e valorização da carreira das professoras que participaram da presente pesquisa.

Quanto ao nível de formação das 24 docentes, os resultados são:

Tabela 1 - nível de formação

Graduação	16,7%
Especialização	79,2%
Mestrado	4,1%

Fonte: Os autores, 2022

Das 24 entrevistadas, cerca de 79,2% disseram já terem formação com especialização, 4,1% possui mestrado e 16,7% graduação. Os números mostram que as professoras estão se qualificando e buscam ser reconhecidas e valorizadas por seus títulos alcançados em seus estudos.

No referente à questão para com a valorização ou reconhecimento da sua formação por meio de plano de carreira, entre as 24 docentes, os números são:

Tabela 2 - valorizações profissional

Não	62,5%
Sim	37,5%

Fonte: Os autores, 2022



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Conforme os números percentuais, 62,5% responderam que “não” se sentem valorizadas com seus planos de cargos e carreiras. Pensamos que as condições estabelecidas nestes planos devem melhorar ou, ainda, devem ser implementadas com normativas ou lei específica para o plano de carreiras das docentes. Para tanto, é coerente que sejam cumpridos conforme determinação específica já existente. Dentre as 24 participações, 37,5% disseram que “sim”, o plano de cargos e carreiras contempla suas expectativas.

De modo discursivo uma docente relata: “Nós que atuamos na área do magistério, não temos o mesmo retorno financeiro como nas demais profissões [...] (PROFESSORA 1, 2022). Nesse mesmo sentido, uma outra docente discorre:

Apesar de termos um plano de carreira não somos valorizadas. Não temos segurança com o plano porque depende muito de quem governa e sempre temos que brigar, fazer greve para ter um pouco de reconhecimento (PROFESSORA 2, 2022).

Parte do princípio de que, na educação brasileira, os/as professores/as precisam se impor com assembleias, greves e paralisações de suas funções docentes para poder reivindicar direitos já garantidos. Governos devem reconhecer e fazer valer determinações cumprindo especificações em leis, considerando que a educação é uma área de suma importância para a sociedade.

Na mesma questão de valorização e reconhecimento profissional, responde uma participante:

Não, sempre há empecilhos para não conceder nossos direitos. Seja no reajuste de salário, condições nas escolas com recursos adequados. Tenho processos parados na prefeitura de 5 anos, de dias trabalhados que não recebi e outro de titularidade. Se fosse eu devendo a prefeitura eu estava com problemas, agora eles nos devem não se importam em resolver (PROFESSORA 3, 2022).

Percebemos um descaso de não cumprimento dos planos para esta



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

professora, possivelmente isto pode remeter a outras docentes. O que sinaliza para a defasagem salarial e o não reconhecimento dos esforços em formação via carreira docente com expectativas de crescimento em nível profissional e dedicação aos estudos para o melhor atendimento aos educandos.

Já me senti muito desvalorizada, mas hoje já não tenho o mesmo sentimento, sei que está longe da classe receber o que merece, com o passar do tempo, desde que iniciei-me nessa carreira que era um sonho que virou pesadelo, e hoje volto a sonhar com dias melhores, já quase me aposentando, sinto realizada na profissão (PROFESSORA 4, 2022).

A trajetória de vida e experiência desta docente revela um caminho longo, persistente na educação, algo que esperava melhorar no percurso de uma longa jornada na profissão do magistério, relata a professora, nas últimas linhas da sua resposta, que almejam dias melhores pelo fato de estar próxima da aposentadoria. É uma satisfação e um mérito profissional de anos dedicados à educação desta professora para formação de novos sujeitos. Todavia, os direitos e a valorização possivelmente não contentaram sua dedicação ao serviço educacional pela sua contribuição na educação e na formação social de muitos sujeitos.

No item três que questiona as condições de trabalho com conceito objetivo entre: ótimo, bom, regular e ruins, os resultados são:

Tabela 3 condições de trabalho

Ótimo	12,5%
Bom	20,8%
Regular	29,1%
Ruim	37,5%

Fonte: Os autores, 2022

Houve uma variação de forma acentuada entre os itens respondidos, pois 37,5% consideram o ambiente de trabalho ruim, 29,1% optaram por entender as condições de trabalhos como regulares, 20,8% consideram o ambiente bom, somente 12,5% afirmaram serem ótimas as condições de trabalhos. São números maiores e mais abrangentes os itens ruins e regulares.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Presumimos, que as condições de trabalho devem ser melhores e atender as necessidades das docentes e alunos.

O mesmo item que descreve respostas subjetivas referentes às condições de trabalhos, uma questionada descreve como:

Precárias. A educação não é bem vista aos olhos de quem governa e tem sempre algo a desejar. As verbas que chegam são determinadas e muitas vezes quem determina não conhece o chão da escola (PROFESSORA 1, 2022).

O parágrafo supracitado desvela como precárias as condições de trabalho dela e menciona o desconhecimento de sujeitos envolvidos no sistema educacional acerca de investimentos em áreas da educação. Compreendemos ser isso algo a ser analisado no tocante a melhorias dos espaços da escola. De outro lado, diferentemente da sua colega de profissão, esta questionada discorre como: “Ótima, temos todo o material que necessitamos, inclusive computadores em sala com projetor e Internet” (PROFESSORA 2, 2022). Um contexto diferente da descrição citada acima, uma escola equipada com aparatos e recursos favoráveis ao processo de ensino, as docentes dispõem de oportunidades para desenvolver suas ações de forma significativa.

Neste questionamento, outra professora diz: “Infelizmente a educação é uma área de pouco investimento e recursos, pouco reconhecimento e valorização dos professores” (PROFESSORA 3, 2022). Consoante a isto, outra professora menciona: “Condições ruins. Salário defasado, planos de cargos e salários modificados com o objetivo de economia para a prefeitura, escola em situação precária... desmotivação contínua” (PROFESSORA 4, 2022). Investir na educação significa investir na formação docente, nas condições de trabalho, numa melhor remuneração, dentre outras facetas importantes no cenário educacional.

Muitos são os atributos que se aferem a uma boa educação, diante do



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

exposto, consideramos que um ambiente de trabalho deve ser acolhedor, em que o reconhecimento profissional, além de vir das experiências, deve implementar valores financeiros para as docentes, conforme os títulos alcançados em curso, ou seja, torna-se importante a valorização profissional e as condições proporcionais do espaço de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consoante às informações extraídas das pesquisas nas literaturas mencionadas neste estudo e as respostas obtidas com as docentes, permitimo-nos o pensamento reflexivo acerca da questão masculino e feminino no contexto histórico social apontado no decorrer textual. De modo que, os dados coletados dizem que as condições de trabalhos, vida e relações sociais são diferentes entre homens e mulheres, cabendo ao homem questões mais acentuadas sobre a mulher, algo que, no cenário histórico, o sexo masculino obtinha mais proveitos de situações sociais, profissão, trabalho, recursos salariais e estudos.

A profissão e trabalho da força feminina ganha destaque na docência com espaço escolar, com o pensamento de atender melhor os educandos em fase de desenvolvimento educacional. A educação básica composta de educação infantil, ensino fundamental e ensino médio possui traços femininos marcantes, isto demonstra a função e a importância da mulher como docente no contexto social no aspecto contribuição para a formação dos educandos.

Todavia, o percurso da docência feminina carrega histórias de dedicação aos estudos e ao trabalho, assim também, zelo pelo cuidado das tarefas domésticas e da família. A persistência profissional carece de obter reconhecimento, valorização salarial e melhores condições de trabalho nos espaços em que desenvolvem suas atividades com seus educandos



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Para tanto, alguns sistemas de educação em níveis públicos possuem planos de cargos e carreiras para os/as professores/as. Cumprir as determinações contidas nas leis por gestores públicos, para muitas professoras, não condiz com o que determina as normativas. Vale ressaltar que, movimentos docentes tais como: paralisações de atividades, assembleias organizadas por entes de classe representativas e até greves, tornam-se necessárias para obter direitos já conquistados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998. (Prismas).

ALMEIDA, Jane de Soares;. BOSCHETTI, Vânia Regina. Devotas e instruídas: a educação de meninas e mulheres no Brasil—fragmentos do passado histórico (1846/1930). **Educação Unisinos**, v. 16, n. 3, p. 225-233, 2012. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Devotas-e-instru%C3%ADdas%3A-a-educa%C3%A7%C3%A3o-de-meninas-e-no-%E2%80%93-Soares-Boschetti/6813f99a6dc3003d91f5c41e2c73818e305385f0>. Acesso em: 22 nov. 2022.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução Milliet, S. 2 ed. Obra original de 1949. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução Milliet, S. 2 ed. Obra original de 1949. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIROLI, Flávia. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, 2016. pp. 719 a 681. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/00115258201690>. Acesso em: 01. Jan. 2022.

BIROLI, Flávia. **O feminismo como projeto transformador: as vozes das Margaridas**. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2015/08/28/o-feminismo-como-projeto-transformador-as-vozes-das-margaridas>. Acesso em: 25 jan. 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena, Ted. Kühner. 11 ed. Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judit. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

fenomenologia e teoria feminista. **Caderno de Leituras**, n.78. Edições Chão da Feira 2018. Disponível em: https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2018/06/caderno_de_leituras_n.78-final.pdf . Acesso em 18 dez. 2021.

BRUSCHINI, Cristina;. AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e Educação: algumas questões sobre o magistério. **Cadernos de Pesquisa**, n. 64, p. 4-13, 1988. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6208760> . Acesso em 03 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. Editora Paz e Terra, 2015. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Paulo-Freire-Professora-sim-tia-n%C3%A3o-Cartas-a-quem-ousa-ensinar.pdf>. Acesso em: 22, fev. 2022.

FÔLHA, Jardilene Gualberto Pereira;. ROCHA, Damião. **O magistério Brasileiro é feminino: (re)apresentação da mulher na educação infantil nos dados oficiais de 2014 - 2018 do governo federal**. Dissertação de Mestrado em Educação (PPGE/UFT), 2019. Disponível em: https://repositorio.uft.edu.br/?locale=pt_BR . Acesso em 22 dez. 2021.

LIMA, Betina Stefanello. **Teto de Vidro ou Labirinto de Cristal? As Margens Feministas das Ciências**. Dissertação de mestrado em História, 2008. Brasília: Universidade de Brasília. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/3714?mode=full> . Acesso em: 25 jun. 2021.

LIRA, B. C. **O passo a passo do trabalho científico**. 2 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis RJ, Editora Vozes, 1997. p. 14-36. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746708/mod_resource/content/4/G%C3%AAnero%20Sexualidade%20e%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20-%20uma%20perspectiva%20p Acesso em 03 fev. 2022.

MOREIRA, Lucimara;. GUIMARÃES, Ludmila de Vasconcelos Machado;. QUIRINO, Raquel. A relevância da categoria gênero e das relações sociais de sexo nas discussões sobre a organização e divisão do trabalho. **Rev Trabalho e Educação**, v. 29, n. 1, p. 155-169, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/12168>. Acesso em: 02 fev. 2022.

PERROT, Michelle. **Minha História das Mulheres**. Tradução: Angela M. S, Côrrea.



REVISTA CAPIM DOURADO

Diálogos em Extensão

ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

São Paulo : Contexto, 2007.

PRÁ, Jussara Reis;. CEGGATI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. **Revista retratos da Escola**. v. 10, n. 18, p. 215- 228, jan./jun.2016. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660/682>. Acesso em 02 fev.2022.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais: em uma perspectiva marxista. **Revista Trabalho e Educação**, Belo Horizonte, v.24, n.2, p. 229-246, mai-ago, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9440> . Acesso em 22 dez. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Rev Educação e Realidade**. v,20, n,2, p.70-99, 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>. Acesso em: 23 dez. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SUCUPIRA, Fernanda e DE FREITAS, Taís Viudes. As desigualdades de gênero nos usos do tempo. In, **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. Renata Moreno (Org.). São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2014.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência**. Cadernos pagu, p. 81-103, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hQFDykQmWnPvj4TYTWYmKZb/?lang=pt&format=html>. Acesso em 03 fev. 2022.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização?: apontamentos em torno de uma categoria. **Rev Temporalis**, v. 11, n. 22, p. 271-292, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368>. Acesso em 12 jan. 2022.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de Pesquisa**. 2 ed. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração UFSC, 2013. 134 p. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/UAB_2014_2/Modulo_1/Metodologia/material_didatico/Livro%20texto%20Metodologia%20da%20Pesquisa.pdf. Acesso em: 31 maio. 2022.